

## **Dror, o “Seminário ou Haflagá da Lapa”**

### **Nachman Falbel**

Na história dos movimentos sociais nos deparamos com momentos decisivos que marcaram sua existência e possibilitaram dar novos significados concernentes aos seus fundamentais objetivos políticos e ideológicos. Seguramente foi o que aconteceu ao movimento juvenil sionista-socialista Dror no Brasil quando em 1 de maio de 1950 decidiram tomar a radical decisão de que seus membros deveriam abandonar os estudos universitários para se dedicarem inteiramente à militância integral, adquirir uma profissão prática e se prepararem para viver em um kibutz a fim de concretizarem os ideais apregoados pelo movimento. À essa decisão, que se tornou um imperativo para a própria sobrevivência do movimento, ficaram associados ao que se denominou “proletarização” e “profissionalização”.<sup>1</sup>

Penso que esse acontecimento gravou-se profundamente na memória de todos que nele participaram o que pode ser comprovado pelo número de sensíveis testemunhos sobre o evento que serviu como um verdadeiro divisor de águas na trajetória de vida pessoal de seus membros e na história do movimento juvenil brasileiro.<sup>2</sup>

Sigue (Evyatar) Friesel no livro de sua autoria intitulado “Kibutz Bror Chail” nos trás uma deliciosa narrativa a respeito: “Como veio o seminário a se realizar na Lapa? Estava planejada já a realização do seminário fora da cidade, num subúrbio de São Paulo, São Bernardo. Aproveitar-se-ia o 1º. de Maio , que caia numa 3ª.feira, para sair no domingo e ficar fora da cidade até 3ª. à noite. Claro que um assunto tão importante não seria levantado de súbito. Há duas semanas que a dirigência mais velha discutia apaixonadamente entre si as possibilidades de um abandono coletivo de estudos. Mas o plano apenas teria êxito se os estudantes já nas Faculdades abandonassem a Universidades. Os em vésperas de prestar exames, e os que não estudavam, mas trabalhavam, eram mais facilmente atingíveis, pois tinham menos a

---

<sup>1</sup> V. o artigo “O único caminho” de Nuchem H.Fassa (Kvutza Vitkin, São Paulo, junho de 1950) : “Ao iniciar-se o mês de maio, o ishuv de São Paulo viu-se sacudido por um grande golpe: cerca de vinte estudantes judeus, alguns no início de seu curso universitário, outros quase a terminá-lo, abandonaram as respectivas escolas e faculdades; entraram em oficinas de trabalho e prepararam-se para uma nova vida em Eretz Israel, em moldes completamente diferentes até então levada, iniciando assim sua proletarização e profissionalização; organizaram uma caixa comum e vivem de forma coletivista.” V. também o artigo “Histórico do shituf do snif São Paulo”. Para uma explicação teórica ampla sobre a questão vide o artigo “A posição do movimento perante a proletarização”; “Profissionalização” in *Fragments de Memórias*, Avraham Milgram (org.), Imago, Rio de Janeiro, 2010, Apêndices: seleção de documentos do arquivo do movimento, página s/n. Todos esses artigos se encontram na publicação “Comemoração 1o. de Maio - 5 anos de profissionalização, Ichud Hanoar Hachalutzi, Hanhagá Artzit, São Paulo, s/d, (certamente de 1955). Arquivo Nachman Falbel.

<sup>2</sup> Vide também os testemunhos de Evyatar (Sigue) Friesel, Ana Verônica Mautner, Alberto Dines, Markin Tuder, Vittorio Corinaldi, Nachman Falbel e Avraham Cheinfeld no livro *Fragments de Memórias*, Avraham Milgram (org.), Imago, Rio de Janeiro, 2010, em especial pp. 52-54; 94-95; 100; 109; 128-130; 145-147.

perder. Os universitários mais velhos, praticamente a parte principal da dirigência nacional e de São Paulo, passavam dias e noites em conversas e consultas. Até dois dias antes a situação esteve obscura. O movimento todo pressentia já o extraordinário e se inquietava. Foi quando Samuel Carabina, então no 4. ano de medicina, resolveu abandonar; simultaneamente, todos os demais se resolveram também. No dia 29 de abril, na noite antes do Seminário, a dirigência mais velha, sete ou oito chaverim, quase todos universitários, estava ganha. Representava uma vitória importante. Obscura, porém, estava ainda a reação do resto da camada mais velha de militantes, cerca de 40 chaverim, que participariam do seminário. Como se veria depois, também eles seriam ganhos.

No dia, alugamos um caminhão, carregamos os utensílios de cozinha, pessoal técnico e uma parte dos chaverim, e tocamos para São Bernardo. Chovia a cântaros. A quatro quilômetros da chácara o caminhão enterrou-se no barro, numa estrada não asfaltada. Que fazer? Tentamos livrar o caminhão. Ele conseguiu sair – para atolar novamente dez metros adiante. Reuniu-se o conselho de guerra; com a chuva e o barro, nunca chegaria o caminhão ao sítio. Onde realizar, então, o seminário? Nenhum de nossos lugares era, ou suficientemente sossegado, ou oferecia condições para uma estada de três dias para 40 companheiros, mais cozinha e pessoal técnico.

Foi quando veio a sugestão do Nunho:

- Porque não na sinagoga do meu bairro?

Nunho morava na Lapa. A sinagoga do bairro compunha-se de quatro pequenas salas, com largas ligações entre si; as células (kvutzot) da Lapa costumavam realizar lá suas reuniões. Havia, no fundo uma pequena cozinha. Lugar para dormir, não existia. Teria que ser no chão ou pelos cantos. Mas era um lugar tranquilo, onde poderíamos passar três dias sem que nos perturbassem.

- Mas a sinagoga não tem “*shamis*” (guarda, zelador)?

- Tem sim, um velinho.

- E que dirá ele quando nos instalarmos, para comer, dormir? Ainda mais, rapazes e moças juntos, dormindo no chão, na mesma casa...

- Sei lá. Mas acho que dá para arranjar. Ele não regula bem da cabeça, e pode ser que esteja num dia favorável.

Mandamos um mensageiro patinar até São Bernardo, avisar aos companheiros que já lá se encontravam da mudança do local, e o caminhão deu meia-volta.

No caminho, para abreviar a viagem e arejar um pouco as cabeças, nasceu uma discussão sobre... arquitetura. Ninguém entendia nada do assunto, de modo que todos tinham opiniões bastante radicais, e o que foi pior, contrárias. Surgiu uma feroz discussão sobre o plano urbanístico da cidade. A altura da voz compensava amplamente a falta de conhecimentos. Dov (Bernardo) Cymeryng, que deveria dar o seminário, enrouqueceu completamente, de tanto berrar em defesa do plano urbanístico existente. Quando chegamos à Lapa, tínhamos já perdido meia manhã, metade dos companheiros (estavam em São Bernardo) a voz do conferencista principal.

Nós descemos antes, um pequeno grupo para “amansar” o “*shamis*”. Era um velinho de aspecto enfezado, que só entendia idish. Explicamo-lhe o que era, para que era, como era, e dormir, e comer, tudo lá... Para surpresa nossa ele concordou sem objeção

alguma, e com o dormir, e com o comer, as moças, os rapazes, a transformação da solene sinagoga em anfiteatro político revolucionário, nenhum homem normal teria concordado com nosso projeto. Perguntamos ainda:

- Mas...trata-se de um lugar seguro? E os vizinhos, “*di goim*”, se ouvirem alguma coisa, o que vão dizer...

O velinho enfezou-se como uma fera:

- *Wus? Di goim? Finef goim hob ich shoin geharguet mit a hak*!” (O que? Os “goim”? Cinco “goim” eu já matei a machadadas!)

Achamos melhor não perguntar mais nada. Entramos, instalamo-nos, pusemos respeitosa e de lado a mesa alta onde reza o “*chasn*” e o armário com os rolos da Lei, dobramos as toalhas com desenhos rituais, juntamos as mesas. Neste meio tempo chegaram também os demais companheiros, e o seminário começou.

As sessões iam de manhã cedo até altas horas da noite. De noite, as salinhas transformavam-se em dormitórios, onde cada um se arrumava como podia, debaixo das mesas, em cima ds mesas... A comida era feita por um grupo de companheiros mais jovens, que não tomavam parte nas discussões; assim, não perdíamos participantes em trabalhos técnicos. Quando os “cozinheiros” perceberam do que se tratava, ficaram tão profundamente impressionados que esqueceram a comida e ficaram na reunião. Voltamos a passar a já tradicional sólida fome.”<sup>3</sup>

Na verdade, tempo antes, a liderança do movimento vinha refletindo sobre a necessidade de se discutir sobre os novos rumos que deveria tomar frente as mudanças que estavam ocorrendo na rua judaica e o movimento sionista que agora começava a dar sinais de exaustão e perda do entusiasmo dos anos que caracterizou os anos que antecederam e imediatamente após a criação do Estado de Israel.

O Seminário da Lapa se fez sentir de imediato e alcançou a meta precípua a que se propôs: a maioria absoluta dos participantes decidiu-se por abandonar os estudos universitários ao mesmo tempo que deu a aprovação a três companheiros continuarem a estudar em suas faculdades reconhecendo seus talentos para as especializações as quais estavam se dedicando. Naturalmente houve certas defecções nos quadros dos militantes à exemplo do que ocorreu em São Paulo, aproximadamente dois anos após, onde um dos membros influentes resolveu abandonar o movimento sob a “teorização”, entre diversos outros argumentos, que o sionismo estava fadado ao fracasso já que a massa dos judeus da diáspora não iria se estabelecer no Estado Judeu. Portanto os jovens deveriam se engajar na luta pelo socialismo no país em que viviam, e uma vez vitorioso a questão judaica e o antissemitismo desapareceriam. A ironia e as falsas premissas - historicamente presentes em ideologias de partidos de esquerda do movimento obreiro judeu e não-judeu que se opuseram ao sionismo em tempos passados-, dessa “teorização” estava no fato que o Estado de Israel já era existente desde maio de 1948. Evidente era que o sionismo, desde Theodor Herzl, alcançara seu objetivo fundamental, isto é, a criação de um Estado Judeu, e maior ironia, senão trágica, que com o passar do tempo esse mesmo “teórico” seria um dos fundadores do partido PT (Partido

---

<sup>3</sup> Friesel, Sigue, Kibutz Bror Chail, História do Movimento e do Kibutz Brasileiros, Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundia, Jerusalém, 1956, pp. 49-51.

Trabalhista) partido que ao assumir o poder com elevadas promessas socialistas revelar-se-ia nos anos que esteve no poder como um antro de corrupção jamais visto na história política do Brasil e com resultados funestos para a sociedade brasileira. No entanto o novel Estado de Israel, se mostraria apto em seu desenvolvimento a dar assistência técnica em certos ramos da economia agrícola tanto ao Brasil bem como a outros países latino-americanos.<sup>4</sup> Israel passou a ser avaliada como uma das nações progressistas e inovadoras sob o aspecto tecnológico-científico no mundo atual e sua população seguiria um contínuo crescimento natural coadjuvado pelo profético “stichischer prozess” (processo imanente) previsto há mais de um século pelo genial teórico do sionismo-socialista, Dov Ber Borochof, cujo pensamento tivera um peso ideológico significativo no movimento “Dror”.

A divulgação do que acontecera em maio de 1950 impregnou o movimento numa atmosfera de idealismo renovador a exemplo dos que nele participaram. Isso se mostrou presente nas publicações, seminários e nos congressos que doravante iriam se realizar. Nesse sentido a revista “Dror” era o veículo mais importante para a expressão de suas ideias.<sup>5</sup>

Desde que ocorrera a “Lapa” o movimento procurara colocar em seus encontros uma reflexão maior sob o aspecto de sua concepção educativa os conceitos de “profissionalização” e “proletarização”, o que podemos constatar nos temários do I Kinus Chinuchi do movimento Dror, no II Kinus Chinuchi e IV Kinus Artzi do Dror bem como no III Kinus Chinuchi.<sup>6</sup> Por outro lado o movimento tomou um novo

---

<sup>4</sup> Pessoalmente conheci de perto o auxílio prestado por Israel a vários países latino-americanos quando atuei entre 1963 e 1964 na instituição denominada Mashab, Departamento de Cooperação Internacional, coordenada com o Ministério de Relações Exteriores e a Confederação Geral dos Trabalhadores (Histadrut Haovdim) com o objetivo de auxiliar países em desenvolvimento na América Latina, Ásia e África especialmente nas áreas de economia agrícola, planejamento rural integral, cooperativismo, sindicalismo, etc.

<sup>5</sup> V. a revista “Dror”, ano 1, n. 4, junho, 1950, em especial o artigo de abertura “Pioneirismo e Maturidade” e os artigos “O único caminho”, de Nuchem H.Fassa e “A nossa chaltuzianização”, de Samuel Karabatchevsky. A leitura da revista “Dror”, ano 2, n.5, novembro, 1950 dedica-se em boa parte aos problemas do movimento sionista e o Estado de Israel devido a proximidade de realização do 23. Congresso Sionista, porém a parte relativa ao movimento propriamente dito reflete o novo espírito reinante nos snifim após a decisão da “Lapa”. Dois meses após o Seminário da Lapa, em julho de 1950, era publicado no “Haboné”, jornal da shichvá de bonim do snif São Paulo o artigo “A Shichvá de Bonim e a Profissionalização” (assinava Nunho, Maskir do Chug Habonim) onde abordava a questão. No “Haboné”, do ano 1951, o tema seria novamente levantado no artigo “Seminário para Bonim”, ambos redigidos de forma didática e apropriada à essa faixa etária.

<sup>6</sup> Temário do I Kinus Chinuchi, “Dror”, 20-24 de julho de 1950, realizado no Kibutz Hachshará “Ein Dorot” e o IV Kinus Artzi (não confundir com o 4 Kinus Artzi do Ichud Hanoar Hachalutzi, que se deu em 1-4 de agosto de 1955, no Kibutz Hachshará “Ein Dorot”), realizado no mesmo período, em 27-31 de julho de 1950, no Rio de Janeiro; II Kinus Chinuchi, “Dror”, 20-24 de julho de 1951, no “Beit Hamadrach al shem Berl Katzenelson”, Petrópolis-Rio de Janeiro cujas resoluções no tocante a “profissionalização” dizem: “1. Reafirmando as resoluções do I Kinus Chinuchi e do IV Kinus Artzi o II Kinus Chinuchi considera a profissionalização como a consequência natural do desenvolvimento educativo e integração orgânica do chaver no movimento. 2. O II Kinus Chinuchi vê na profissionalização o caminho da proletarização do espírito e da existência de seus chanichim. 3. Portanto considera que deve ser a preocupação constante do movimento que a sua ação educativa leve os chanichim a profissionalização, com orientação proletarizante.” As Resoluções desse encontro especificam a orientação educativa e as medidas práticas que o movimento deve tomar para atingir seus objetivos no concernente a profissionalização. No relatório do snif São Paulo à III Moatzá Artzit, realizada em 11-13 de fevereiro de 1952, no Beit Hamadrach al shem Berl Katzenelson, Petrópolis-Rio de Janeiro, se faz um

impulso que se manifestou através de uma intensa atividade proselitista voltada a conquistar a juventude judaica ao sionismo, juventude essa que em parte era voltada somente às questões atinentes a rotina característica da vida cotidiana de jovens filhos da classe média que dividiam seu tempo entre o estudo e o entretenimento. Seu alvo também incluía jovens de agrupamentos juvenis não chalutzianas bem como os que tinham convicções ideológicas de esquerda não sionistas. Vale lembrar que em 1950 a Organização Sionista Mundial, através de seus órgãos diretivos, assim como o Executivo da Agência Judia em Jerusalém, estavam voltados a dar pleno apoio e respaldo aos movimentos juvenis chalutzianos considerando-os fundamentais ao Estado de Israel.<sup>7</sup>

---

levantamento sobre os resultados da profissionalização e suas dificuldades técnicas ao mesmo tempo que relata ter obtido resultados positivos no encaminhamento de chanichim para cursos técnicos. Em 22 de julho de 1953 a Hanhagá Artzit do movimento dava conhecimento aos delegados dos diversos snifim sobre o conteúdo do temário a ser abordado no II Kinus Artzi e no item II. “Marcos”, menciona os itens a) Militância - A militância integral nas shchavot maiores; a militância nas shchavot menores; condenação da ativização (sem conteúdo); militância – consequência da consciência ideológica, também elemento auxiliar na fixação de chaverim. b) Proletarização –Levar à prática a definição de posição teórica nas diversas shchavot do movimento , especificamente nas maiores. c)Atividade ideológica-ampla e profunda especialmente dos grupos maiores do movimento.” Já no temário do II Kinus Artzi que se realizou em 31 de julho a 3 de agosto de 1953 no Kubutz Hachshará “Ein Dorot” o item “Proletarização” que é abordado na parte dedicada a “Chinuch” parte de uma apreciação crítica sobre a questão em sua vivência prática tendo como fundo os problemas que o movimento está se defrontando em sua implantação nos snifim: “Pensamento e ação devem , no nosso movimento andar lado a lado .Somente tem valor as conquistas ideológicas acompanhadas de sua realização prática. O movimento não visa formar utopias perfeitas, mas evoluir em ideias que correspondem à realidade. A permanente aspiração de nos transformarmos em um movimento obreiro precisa de uma vez por todas ser levada à realização. Empedimentos técnicos , importantes na verdade , como os de ordem financeira , impediram a proletarização dos chaverim, ainda uma vez neste período. Necessário se torna modificar o estado de coisas, procurando soluções financeiras, que permitam a completa proletarização da dirigência , à medida que a militância do movimento o permitir. A falta de vigor que muitas vezes caracterizou o trabalho dos chaverim em militância integral , foi em muito devido a não proletarização dos mesmos. A formação de uma equipe de operários conscientes, militantes integrais do movimento deve ser i nosso primeiro objetivo. A profissionalização das demais camadas do movimento, nos marcos estabelecidos pela Veidá de Unificação , será consequente e se fará através da ação educativa dos mais velhos para com os mais jovens, assim como através do exemplo pessoal daqueles.” A publicação das Resoluções do II Kinus Artzi expressam no item “Proletarização” o que se segue: “ 4- O II K.A. reafirma a posição assumida na Veidá do Ichud no Brasil, quanto a proletarização, fundamento básico de nossa orientação educativa. .5- ) II K.A. reafirmando o caráter proletarizante das profissões, resolve que a orientação dos chanichim nas shchavot menores será para escolas judaicas e técnicas, através de um intenso e amplo trabalho educativo e da criação nos snifim de um ambiente de trabalho. 6- O II K.A. recomenda a criação de condições financeiras e de militância favoráveis à profissionalização e proletarização das shchavot maiores. 7- ) II K.A. recomenda a intensificação do trabalho educativo na orientação das shchavot menores para a profissionalização.” No III Kinus Artzi, realizado no Kibutz Hachshará “Ein Dorot”, de 28 de julho a 2 de agosto de 1954, no tema “Futuras Atividades” ,item I-Diretrizes futuras, lemos o que se segue :” 1.- como diretriz para o movimento a concentração na atividade educativa , no sentido amplo, abrangendo a proletarização , estudo ideológico, e demais atividades relacionadas ;2.-a afirmação da diretriz do proselitismo como tarefa básica e permanente do movimento , no espírito dos kinussim anteriores”. Arquivo Nachman Falbel.

<sup>7</sup> V. sobre isso a publicação La Segunda Convencion Sionista Sudamericana (Buenos Aires, 27 de septiembre-1 de octubre de 1950), Oficina Sudamericana de la Agencia Judía para Palestina-Consejo Central Sionista Argentino, B.A.,1950.Entre outras, importantes são as manifestações de Eliahu Dobkin, na época vice-presidente do Executivo da Agência Judaica, destacando o papel dos movimentos chalutzianos no hitishvut em Eretz Israel. Sua convicção no tocante ao movimento chalutziano na construção do Estado ele também expressou em um expressivo texto intitulado “Lebait haaliá hachalutzit” (Sobre os problemas da aliá chalutziana) na coletânea Hatzionut besháá zo”( O sionismo na

Por outro lado as decisões da Lapa e a nova orientação implantada no movimento em São Paulo deveriam ser levadas às demais capitais brasileiras nas quais se encontravam sniffim, as organizações locais do movimento Dror. Obviamente, o eco do que acontecera em São Paulo em maio de 1950 iria repercutir em todo o movimento onde quer que ele existisse. No entanto a liderança estava consciente que nas comunidades menores a realização de algo semelhante à “Lapa” seria mais complexa e difícil. De fato o processo de preparo e maturação para a aceitação do abandono dos estudos em Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro assim como em Belo Horizonte e Recife, levaria muito tempo e dar-se-ia a partir da segunda metade de 1953 estendendo-se até os finais do ano seguinte, como podemos verificar pelo manifesto de Porto Alegre datado de 9 de outubro de 1954.<sup>8</sup> A Hanhagá Artzit (Diretório Nacional) sediado em São Paulo com o objetivo de conscientizar os companheiros daqueles lugares que deveriam tomar decisões pessoais no tocante aos estudos sabia que para tanto era necessário um trabalho preparatório não somente de caráter ideológico mas de enfrentamento com a resistência natural para a aceitação do abandono dos estudos, a previsível e inevitável reação de seus pais e a opinião pública da própria comunidade companheiros experientes foram designados para irem àquelas cidades. Apesar das esperadas dificuldades e a grande tensão reinante nos momentos de decisão dos setores do movimento daquelas cidades os resultados não se fizeram esperar.<sup>9</sup>

Apesar da questão dos estudos universitários não entrar diretamente na redação do temário da Veidat Ichud que levou a unificação do Dror com o movimento Gordonia-Macabi Hatzair em encontro realizado em 19 a 21 de dezembro de 1952 no Kibutz Hachshará “Ein Dorot” do movimento brasileiro, do qual resultaria o Ichud Hanoar Hachalutzi, uma resolução no tocante ao tema “Hachshará e Hitiashvut” , expressava claramente no item “c) A veidá obriga a Hanhagá [Elioná] ,a realizar um debate amplo e um estudo profundo sobre as possibilidades do preparo profissional.”<sup>10</sup> Mas a súmula final das Resoluções da Veidat Ichud, confirmará que o tema fora debatido mais amplamente nesse encontro como podemos verificar no item” VI-Profissionalização e Proletarização: 1) A V. I. resolve que a proletarização é um fundamento básico de sua orientação educativa. 2) A V. I. resolve que a orientação

---

atualidade, artigos, ensaios, palestras), maamarim, masot, hartzaot-Kovetz Alef likrat haKongress haTzioni ha 23, Hasifriá Hatzionit al iad Hanhalat Hahistadrut Hatzionit, Yerushalaim, 1951, pp. 29-37. Na p. 31 ele enfatizará: “Medinat Israel hukmá kefi shehukmá bekoach hazerem hachalutzi me Eiropa”, O Estado de Israel foi construído pelo vigor da corrente chaltuziana da Europa.”

<sup>8</sup> O manifesto foi publicado como suplemento especial do n. 4 comemorativo às festividades do mês de Tishrei da Vanguarda Juvenil, órgão do Ichud Hanoar Hachalutzi. O texto se inicia com o parágrafo: “Os chaverim do shituf do snif Porto Alegre ,vem por intermédio desta, justificar sua decisão de 4 de outubro de 1954, no sentido de integração e militância no movimento levando tais princípios as suas últimas consequências”, assinado por Mico Scliar, chaver hashituf. Trata-se do escritor Moacir Scliar, Z”L, que na época militou no movimento Dror. O shituf era decorrente da militância integral e integrava os seus chaverim em uma comuna que deveria possibilitar o sustento financeiro de seus membros.

<sup>9</sup> Vide os artigos “Proletarização Snif Curitiba”, “Relato da Lapa do Snif Curitiba”, “A proletarização em Porto Alegre”, “Haflagá de Ipanema”, in Fragmentos de Memórias, Abraham M ilgram(org.) Apêndices:seleção de documentos do arquivo do movimento, pág. s/n , já mencionados na nota de rodapé 1.

<sup>10</sup> Temário da Veidat Ichud, Ichud Hanoar Hachalutzi, (Dror-Gordonia-Macabi Hatzair), 19-21/dezembro/1952- Arquivo Nachman Falbel.

profissional do movimento é de caráter proletarizante. 3) A V. I. recomenda o máximo cuidado na apreciação nos casos individuais na orientação profissional e resolve que a orientação profissional nas shichavot do movimento seja: a- shichavot menores - estudo ginásial em escolas judaicas, escolas técnicas. b- shichavot maiores - cursos profissionais ou agrícolas de curta duração, oficinas de trabalho, fábricas, etc. 4) A V. I. recomenda o máximo esforço no sentido de impedir que a militância no movimento prejudique a profissionalização.”

Decorrente do abandono dos estudos e ingresso do chaver na militância integral surgiu o imperativo de formar uma comuna (shituf) que provesse as suas necessidades sob o aspecto material. O item VII das resoluções da Veidat Ichud se refere ao “Shituf”:

1) A V. I. vê a necessidade e o valor de existência do shituf, propondo sua imediata reorganização nos snifim maiores, procurando atingir as seguintes finalidades: a - coletivização e planificação econômica para os militantes integrais bem como chaverim ds shichavot mais velhas, quando houver necessidade, sob aprovação da maskirut. b- organização, planificação e controle coletivo das atividades individuais, profissionalização, ivrit e trabalhos do movimento indicados pelos organismos dirigentes.”

Passados cerca de um ano e alguns meses as resoluções da Ia. Moatzá Artzit, realizada em 1-2 de março de 1954 no Beit Hamadrich al shem Berl Katzenelson, Rio de Janeiro, no item d – Shituf: especificava melhor e de modo objetivo as questões no tocante à questão: “1- Considerando: a) que o shituf é o organismo que reúne os militantes do movimento; b) que esta militância as vezes os impede de se dedicar ao suprimento de suas necessidades financeiras; c) que este fato determina uma situação irregular na vida das comunas do movimento; a Ia. Moatzá Artzit estabelece que: a- o snif pode assalariar o chaver do shituf. b- o salário será pago na base do salário mínimo para o militante de período integral, e de ½ salário mínimo para o militante de ½ dia. c- o pagamento de salários somente se fará no caso do shituf necessitar e do snif ter possibilidades orçamentárias de caixa B (fundo adicional) conforme aprovado nas resoluções do tema finanças.”

Nesse tempo, após um período difícil no qual houve a perda de chaverim, o movimento se mostrava com renovado vigor em boa parte de seus snifim e sua atuação proselitista no seio da juventude judaica se refletia na formação de novos grupos dispostos a aliá.<sup>11</sup>

No encontro da 4ª. Peguishá Latinoamericana del Ijud Hanoar Hajalutzi que se realizou no Rio de Janeiro em 24 de novembro a 1º. de dezembro de 1954, os temas proselitismo, proletarização e profissionalização foram discutidos amplamente. A nova orientação do movimento brasileiro chegaria desse modo ao movimento sul-americano, ainda que o enfrentamento com o problema dos estudos universitários também já vinha

---

<sup>11</sup> Na Introdução ao temário da II. Veidá Artzit (6. Kinus Artzi) realizado em 16-18 de dezembro de 1952, no Kibutz Hachshará “Ein Dorot”, dias antes da Veidat Ichud, lemos : “O movimento apresenta-se nesta Veidá após um de seus períodos mais críticos, que em muitos aspectos foi decisivo para nós, pelo que conseguimos ultrapassar...” A evolução e a cristalização ideológica chalutziana interna desenvolveu um processo de seleção natural ,que, não está sendo compensado pelo ingresso de novos quadros, levou-nos à perdas sensíveis.” A Veidat Ichud que se seguiu seria um fator importante para reanimar os ânimos de seus membros.

se apresentando naturalmente no movimento de outros países. Os delegados do referido encontro representavam os movimentos da Argentina, Uruguai e Chile, além de schlichim de Israel nas pessoas de Josef Etrog, Eliahu Weiss e Micha Lewin. Também nele tomou parte Abraham Dembinski, como representante da Netzigut Latinoamericana do movimento Ichud Hanoar Hachalutzi. Outras temáticas de caráter ideológico e questões ligadas a educação também foram amplamente discutidas nesse encontro.<sup>12</sup> Lamentavelmente nos limites desse artigo não posso transcrever o teor dos debates havidos sobre o tema em questão mas sua importância se mostrou nas diversas abordagens dos delegados considerando-se as peculiaridades de cada movimento em seu respectivo país. Nesse encontro despontava nos debates havidos ao redor dos estudos universitários a questão do quanto o abandono dos estudos continham entre outros problemas as dificuldades e a contradição entre o movimento ampliar suas fileiras e a impossibilidade de fazê-lo devido suas próprias exigências de chalutzit.<sup>13</sup>

Importante observar o quanto, após cinco anos da “Lapa”, o movimento amadurecera sua concepção concernente ao tema que foi amplamente debatido na II Veidá Artzit e I Kinus Chinuchi realizados em São Paulo, em fevereiro de 1955, o item “Profissionalização e Proletarização-Resoluções” ocupou um lugar central nos debates sobre a concepção que deve reger o projeto educacional do movimento e creio que seja um dos documentos mais explícitos e detalhados sobre os problemas e questões da implementação dos conceitos teóricos à prática. Vale lembrar as resoluções tomadas naquele importante evento após o processo de amadurecimento pelo qual passou o movimento quando os seus snifim mais importantes já haviam realizado suas “Lapas”:

“1.) O 1. K. C., considera a profissionalização e proletarização fundamento básico de nossa educação , sendo pois, o passo decisivo para a Hagshamá Atzmit (Auto-realização) do chaver no galuth, que se identifica social e espiritualmente com a classe obreira e se prepara para a vida socialista e de trabalho em Eretz Israel. 2.) O 1 .K. C, considerando a profissionalização e proletarização uma decisão de intensa responsabilidade , que exige um preparo político e ideológico, uma integração e identificação natural do chaver ao coletivo em que vive , a força e responsabilidade do mesmo e principalmente ,maturidade e compreensão da decisão a tomar, orienta no sentido de que a mesma se efetue através do intenso e gradativo preparo ideológico e educativo. 3.) O 1. K. C. considera dever ser preocupação constante do movimento levar com sua ação educativa os chanichim à profissionalização, de orientação proletarizante. 4.) Reafirma a recomendação quanto ao maximo cuidado a adotar-se na apreciação dos casos individuais na orientação profissional e resolve que esta orientação nas shichavot do movimento seja:

---

<sup>12</sup> A publicação das atas do encontro foi feita pela Netzigut Latinoamericana do Ijud Hanoar Hajalutzi, Buenos Aires em janeiro de 1955. Os temas proselitismo,profissionalização, proletarização, encontram-se nas páginas 29-39.Arquivo Nachman Falbel.

<sup>13</sup> V. Shlomo Bar-Gil, Juventud :Vision y realidad,Movimientos jalutzianos em Argentina, de Dror y Gordonía a Ijud Habonim (1934-1973),Milá, Buenos Aires,2008, pp.156-160 onde aborda a questão no item D.La ideología como rectora de vida:estudios y profesión , no qual cita o questionamento e a opinião de Iaacov (Vito) Trumper na IV Peguishá Latinoamericana del Ijud Hanoar Hajalutzi: “el movimiento se encuentra con dos grandes problemas , contradictorios entre sí: por un lado el deseo de ampliación y extensión de sus filas , por el outro la imposibilidad de hacerlo por las exigencias del movimiento.”



A- Shichavot Menores: a- após o ginásio, escola técnica, de preferência em cursos de caráter proletarizante, cursos agrícolas, quando não prejudiquem a evolução do chaver. Parágrafo: Para tanto considera necessários: a) contacto permanente dos madrichim com os pais dos chanichim, b) formação de cursos preparatório ao exame de admissão às escolas técnicas dentro do movimento.

B- Para Maapilim jovens- escolas técnicas. C- Maapilim velhos e magshimim :1- Considerando a proximidade da entrada em Hachshará e problema de militância, orienta: a - cursos industriais e agrícolas de pequena duração. B- Oficinas de trabalho, fábricas, etc.

D- Bachurot: 1-Reafirma a consideração quanto às dificuldades objetivas e subjetivas da profissionalização e proletarização de bachurot no movimento. Considera que o esclarecimento profundo e o trabalho educativo basificarão também na bachurá, um pensamento proletarizante integral, compreensão do trabalho operário , e disposição para efetua-lo. 2-Recomenda os seguintes marcos para a profissionalização de bachurot: a- escolas e cursos técnicos. B- cursos industriais e agrícolas de curta duração.c- oficinas de trabalho ,fábricas, etc. 3- reafirmam a necessidade de bachurot mais adultas seguirem estas orientações dado o valor do exemplo pessoal nestas questões. 4- Em cidades em que não existem cursos desta natureza, oriente-se as bachurot mais jovens para curso de complementação cultural- escola normal, científico, etc.; paralelamente seja feito um curso de aprendizado profissional , como costura, cerâmica, etc.

Considerações Gerais: A- reafirma a profissionalização e proletarização das camadas mais velhas, como fator fundamental para que estas orientações sejam levadas ao movimento todo. B- recomenda sejam resolvidos de forma radical os problemas de ordem financeira dos shitufim, que impedem em grande parte a efetivação destas orientações. C- recomenda que o movimento incentive a independência econômica de seus chaverim como um dos principais passos para a proletarização. D- resolve que deve haver estreito controle e observância rígida pelos chugim , sobre o estudo e aproveitamento de chaverim em escolas técnicas ou em empregos proletarizantes. E- recomenda o máximo de esforço no sentido de impedir que a militância do movimento prejudique a profissionalização.”<sup>14</sup>

Em suma podemos dizer que doravante, em seus seminários, kinussim e moatzot, o movimento continuou a reafirmar e a explicitar as decisões tomadas anteriormente e, mais do que isso, havia incorporado o tema como parte imanente de sua concepção de vida. <sup>15</sup>

Porém passados cerca de doze anos do Seminário da Lapa a questão dos estudos universitários no movimento, agora denominado Ichud Habonim, voltaria à tona, certamente provocado por relatos de novos chaverim recém chegados ao kibutz Bror Chail sobre as mudanças ocorridas na rua judaica, no movimento sionista, na relação do Estado de Israel com a Diáspora bem como no próprio movimento. Inicialmente a

---

<sup>14</sup> Resoluções da IIa. Veidá Artzit-I. Kinus Chinuchi, Ichud Hanoar Hachalutzi, publicação s/d, -Arquivo Nachman Falbel.

<sup>15</sup> Vide o capítulo ‘Concepção de vida e Profissão’ , in “Arachim”, Concepção de Vida, n.1, editado pela Hanhagá Artzit, São Paulo, 25 de janeiro de 1955, pp.35-42; também o artigo de minha autoria “Conception de la Vie et de la Profession” in Synthèse, Carnet Ideologique, Ichud Habonim-Maskirut Olamit, s/d (1959-60?), pp.91-101. Arquivo Nachman Falbel.

reavaliação da questão dos estudos universitários foi feita em um pequeno grupo de chaverim que estavam, ou estiveram, ligados à Hanhagá Olamit. Após alguns encontros onde se manifestaram concepções divergentes não se chegou a uma opinião unânime.<sup>16</sup>

Uma reflexão à grande distancia do tempo em que se deu o acontecimento da “Lapa”, que foi um verdadeiro turning-point na história do movimento “Dror” no Brasil, nos leva a admitir que o ato radical da abrupta ruptura com os valores sociais convencionais da sociedade em que vivíamos somente foi possível devido as profundas convicções ideológicas com as quais estávamos imbuídos. As raízes dessas convicções ideológicas as quais éramos seus herdeiros e que alicerçaram a vida cultural e intelectual do movimento tinham uma origem longínqua e se alimentaram das fontes do humanismo europeu e das múltiplas e tradicionais fontes do judaísmo. Os teóricos do sionismo-socialista, desde Ber Borochov, Nachman Sirkin, Aaron David Gordon, Berl Katzenelson e outros também souberam incorporar em seu pensamento essas duas fontes antes lembradas. Ber Borochov absorveu do marxismo elementos que iria utilizar para uma concepção dinâmica e racional da história judaica; Sirkin elaboraria uma concepção socialista inspirada nos profetas bíblicos; Gordon adotaria um ética inspirada no tolstoísmo e veria a volta à natureza como redentor da anomalia da vida judaica no exílio, e Berl Katzenelson perceberia o poder criador da classe operária europeia como exemplo para o trabalhador e colono judeu para a construção de um Estado Judeu. Eram homens e modelos extraordinários para a juventude judaica do continente europeu e das demais diásporas! Ao contrário dos revolucionários idealistas judeus que alimentaram ilusões e acreditavam na redenção de seu povo afiliando-se aos partidos e organizações socialistas e revolucionárias nos lugares em que se encontravam sacrificando suas vidas em vão, os teóricos sionistas-socialistas compreenderam que deveriam seguir um outro caminho.<sup>17</sup> Esses pensadores que souberam extrair a lição dos dolorosos fracassos daqueles idealistas concluíram que a solução do problema judeu estava em suas próprias mãos provocando desse modo uma releitura da história judaica que fundiu passado com o presente através de novas interpretações de sua milenar criatividade e correntes espirituais do povo judeu.<sup>18</sup>

Foram eles que também tomaram iniciativas na formação de entidades e instituições políticas, partidos e associações que mobilizaram as comunidades judaicas

---

<sup>16</sup> O resumo dessa reavaliação encontra-se em um documento em nome da Hamaskirut Haolamit, contendo 8 páginas datilografadas em hebraico com o título “Diun besheilat halimudim batnuá” (Discussão sobre a questão dos estudos no movimento) datado de 29 de maio de 1962. Nele a direção do movimento estabelece que ela não deverá assumir e impor ao movimento mundial qualquer concepção sobre a questão dos estudos universitários considerando as diferenças entre os movimentos locais (tnuot artziot) à exemplo do caráter contrastante, sob o aspecto social-cultural, entre o movimento na Inglaterra e o sul-americano. Arquivo Nachman Falbel.

<sup>17</sup> Me refiro aos revolucionários judeus que participaram nas primeiras organizações revolucionárias da Rússia Czarista, *Narodnaya Volya*, *Zemlya Volya* e nos primórdios do Partido Social-Democrata da Rússia.

<sup>18</sup> Interessante, nesse sentido, é o que lemos em uma publicação do movimento Dror na Argentina, que tem por título “Apuntes del Seminario”, 7-20 de enero 1945, Cordoba, 1ª. Parte: Jalutzianismo, Ediciones “Dror”, Buenos Aires, 1945, p.8 : “El mesianismo (g.n.) es la base del moderno movimiento jalutziano, creado mediante la movilización de la juventud judía en su aspiración a reconstruir Eretz Israel y redimir al pueblo judío.” A seguir a mesma publicação trata do conceito fundamental de “hagshamá atzmit” que expressa a indissociabilidade e coerência entre teoria e prática.

ao redor do ideal da auto-emancipação do povo judeu e de retorno à terra de seus antepassados. Do mesmo modo retomaram o conceito de “produtivização do povo judeu”, com uma postura crítica à situação anômala da sobrevivência econômica da massa de “luftmenschen” na Europa oriental, que desde o Iluminismo fora enunciado por pensadores judeus, mas agora era inserido em um novo contexto ideológico como um imperativo para o sucesso da colonização judaica em Eretz Israel. Em especial essa concepção veio a se incorporar no cerne da ideologia dos partidos sionistas-socialistas, a começar do Poalei Zion cuja juventude formaria, em dado momento, o movimento juvenil “Freiheit-Dror”. A organização “Hechalutz” na Europa passaria a criar hachsharot que serviram de centros de preparação dos jovens dos movimentos chalutzianos que deveriam fazer aliá.<sup>19</sup> Uma antecipação histórica do que iria acontecer também em outros continentes, mas sob uma realidade social e condições totalmente diferentes a do judaísmo latino-americano como o foi o caso do movimento argentino e brasileiro.

Podemos imaginar o impacto espiritual desse mundo de ideias e ideais na juventude judaica do continente sul-americano, primeiramente na Argentina e posteriormente a outros países inclusive ao Brasil. Mormente no período quando o término da Segunda Guerra Mundial revelou os horrores do genocídio nazista contra o povo judeu e abalou a consciência mundial assim como despertou a juventude judaica em todo mundo para a “questão judaica”. Foram os anos decisivos de luta para a formação do Estado Judeu e a renovação dos movimentos juvenis judaicos cuja origem na Argentina e Brasil remontava aos anos 30 do século passado.

Porém no processo histórico os momentos decisivos devem encontrar homens qualificados para direcioná-los em benefício de causas e objetivos a que um grupo ou movimento se propôs realizar. Certamente, os que tiveram uma participação no momento decisivo da “Lapa”, são testemunhos que ela se deu fundamentalmente devido a atuação da figura carismática do chaver Bernardo Cymeryng (Dov Tsamir) cuja retórica e liderança soube canalizar os anseios e as expectativas de uma geração identificada com os ideais do movimento Dror.

---

<sup>19</sup> Sobre o “Hechalutz” vide o importante artigo de M. Braslavsky, “Meparashat hahachshará shel “Hechalutz” be Polin, 1930-1933” ( Sobre a problemática da hachshará do “Hechalutz na Polônia”,1930-1933) na rica coletânea Darkei hanoar, kovetz leinianeí hanoar batzionut (Caminhos da juventude, coletânea sobre questões relativas à juventude no sionismo), G. Hanoach (org.), Machleket Hanoar shel Hahanhalá Hatzionit, Yerushalaim, november, 1937, pp. 105-122. O artigo nos leva a uma reflexão histórica comparativa e lança luz sobre questões concernentes ao presente artigo nos contextos do judaísmo e da juventude na Polônia pré- segunda guerra mundial e o da América do Sul.